

ECOTURISMO EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO COMO ESTRATÉGIA PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Zysman Neiman

Introdução

Há uma pergunta para a qual ainda existem respostas imprecisas: “afinal de contas, o que faz uma pessoa ir além do discurso “senso comum” sobre as questões ambientais, para de fato se mostrar mais motivado e engajado a exibir atitudes que poderíamos chamar de *pró-ambiente*?” Ou: “o que produz essa transformação e realmente incorpora valores nas atitudes do cidadão em sua relação com o meio ambiente?”

Este trabalho defende a tese de que uma resposta possível a esta pergunta está na promoção do contato dirigido de pessoas com o ambiente natural, que favorece muito uma nova percepção ambiental. Isso porque, além da existência de um há um imaginário na sociedade sobre o ideário de “natureza como um bem”, recentemente construído na sociedade (construção social dessa imagem), há, principalmente, um forte vínculo natural que liga o ser humano ao espaço preservado, oriundo do processo evolutivo de nossa espécie no planeta. Um trabalho educativo que consiga congrega esses dois aspectos - o imaginário (que vem de uma construção social) com um possível vínculo instintivo ancestral (encoberto pela cultura) numa situação planejada (e aí o Ecoturismo surge como poderoso instrumento), pode favorecer uma efetiva Educação Ambiental.

Designou-se, aqui, como *atitude pró-ambiente*, o conjunto de valores e ações que conscientizam, transformam os indivíduos em divulgadores e agentes de transformação social em busca da sustentabilidade e da melhoria da qualidade de vida, em questionadores das práticas individualistas e consumistas da sociedade capitalista, e em integrantes de uma busca coletiva pelo equilíbrio do meio ambiente e com o meio ambiente, eventualmente, em defensores da causa ecológica.

A “Educação Ambiental é a ação educativa do sujeito ecológico” (CARVALHO, 2001:75), entendido aqui como aquele que manifesta uma atitude pró-ambiente. Mas, se desejável, como fazer aflorar essa atitude?

Essa pergunta, já formulada algumas vezes e de cuja resposta anseiam todos os educadores ambientais, é tema deste trabalho, que busca discutir uma estratégia metodológica para a Educação Ambiental baseada em percepções sobre a importância das experiências de contato com o espaço natural.

A discussão entre “instinto” e aprendizagem é o cerne da questão. Não é razoável admitir-se que o ser humano possui apenas um instinto ancestral que o une à natureza, afinal se isso fosse verdade não estaríamos vivendo em cidades, nem conseguiríamos explicar que essa relação muda conforme a localidade e a cultura lá existente. Mas não há como negar que “gostar da natureza” é um caráter adaptativo que merece destaque e nunca foi bem explorado em pesquisas sobre Educação Ambiental. Este é o tema deste trabalho: sem retomar a velha dicotomia entre instinto X cultura, procura trazer à luz alguns aspectos pouco explorados pelas ciências sociais que tratam do meio ambiente.

A abordagem sociológica está muito mais ligada à contextualização da questão ambiental, tratando das percepções ambientais, de como os meios de comunicação as estimulam ou não, ou neutralizam, e como são construídas certas demandas sociais (HANNINGAN, 1995).

Este é, basicamente, um estudo sobre atitudes. O denominador comum entre as abordagens sociológica e etológica é a **atitude** das pessoas, vista como **uma construção social sobre predisposições típicas da espécie humana**, e o que pode torná-la favorável a uma série de idéias gerais que se pode definir como benéficas ao meio ambiente, e não as atitudes sociais, no sentido de grupo ou movimentos que se organizam ou não.

Foi utilizada uma metodologia mais naturalística e menos experimental, analisando os dados à luz da experiência do pesquisador em trabalhos de Educação Ambiental através do Ecoturismo. A perspectiva etológica constitui a base principal da qual parte. Optou-se por um estudo fenomenológico que permita compreender, através de muitas observações e anotações de relatos, as complexas atitudes pró-ambiente e os fatores que as propiciam.

Os marcos afetivos, gerados pelo contato sensorial e emocional com a natureza, introduzem uma grande diferença do ponto de vista motivacional e são mais significativos na vida dos indivíduos que a construção racional de uma “ideologia ambientalista” superficial e atrelada ao “senso comum” vigente.

Vários argumentos podem ser usados a favor da idéia de que existe uma predisposição no ser humano para gostar da natureza viva. Os estudos sobre a relação entre seres humanos e animais apontam que desde muito cedo a criança tem um gosto por animais, e, inclusive, algumas correntes da psicologia usam os animais como auxiliares ou como cerne de procedimentos terapêuticos. Wilson (1984) criou o conceito de Biofilia segundo o qual existiria uma tendência, proveniente de nossa evolução como espécie, para gostar dos fenômenos da vida (que, evidentemente, incluem a nós mesmos). Esta tendência se manifestará melhor e de forma mais marcada se proporcionarmos ambientes apropriados para o desenvolvimento e para a vida. Se não for incentivada com experiências afetivas adequadas, a função de biofilia não terá seu pleno desabrochar.

Se for proporcionado o contato apropriado e a familiaridade com a natureza, através, por exemplo, da experiência de entrar numa mata, de respirar, ouvir a chuva caindo, de passar por uma enxurrada, pôr o pé no barro, de avistar finalmente um animal em suas atividades próprias, pode ocorrer uma conversão com a aquisição ou o melhoramento de sentimentos positivos sobre porque é preciso preservar e o que preservar. Não é só através do sentimento ético de obrigação que se pode trabalhar o gosto pela natureza e pela conservação.

O Ecoturismo, por levar pessoas que têm uma vida urbana que determina um certo tipo de cotidiano, para fazer uma viagem, não para um lugar de fantasia, mas para lugares que (ainda!) existem, em sua pujança natural, pode constituir-se numa oportunidade boa de transformá-las em defensoras da causa ambiental.

Alguns questionários que foram aplicados a ecoturistas revelaram, de forma recorrente, uma força muito grande do componente “contato” com a natureza, que pode ser explicada pelo fato de que assimilaram o discurso preservacionista do senso comum vigente, ou porque, de fato, as vivências foram marcantes.

A metodologia utilizada em boa parte do presente estudo foi a **observação participante** de grupos em situações nas quais praticavam Ecoturismo de maneira organizada. Durante 12 anos e após cada uma das **95 viagens realizadas** ao Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR) - Iporanga - SP, as ocorrências eram discutidas por uma equipe de pesquisadores e os procedimentos refeitos para novas experimentações, até que as atitudes pró-ambiente, que se deseja eliciar nos participantes das viagens, pudessem ter um grau de previsibilidade de praticamente 100%. A cada erro e insucesso no processo educativo planejado, as estratégias mudavam e testes de novas hipóteses eram realizados, até que não houvesse mais casos negativos aos esperados. Após o longo processo de aprimoramento das observações, é possível até mesmo se fazer previsões sobre as **frases exatas** que serão ditas por futuros participantes eventuais, desde que as mesmas estratégias de contato sejam realizadas. É essa capacidade de previsão e replicabilidade que dá a força da tese aqui defendida: **os adormecidos vínculos ancestrais com a natureza (nossos comportamentos adaptativos) afloram de maneira visível nos comportamentos quando estão re-contextualizados, sem desprezar o peso dos fatores culturais.**

Acreditando que o ser humano é produto do processo evolutivo, bem como de um contexto cultural historicamente estabelecido, e partindo do pressuposto que os caracteres comportamentais, tais como os anatômicos e fisiológicos, são selecionados por conferirem vantagens adaptativas, **considera-se a possibilidade da existência de certas pressões psicológicas que motivam-nos ao relacionamento social e, particularmente, ao contato com os elementos naturais.** Tais anseios teriam sido importantes durante a epopéia humana no planeta durante os últimos 3,5 milhões de anos, nos quais nossos ancestrais se viram obrigados, como caçadores-coletores, a sobreviver em pequenos grupos nômades, com fortes laços sociais, alimentando-se do que fossem capazes de encontrar na natureza. Como resultado desse longo processo, incorporou-se ao patrimônio instintivo humano (sendo instinto um termo não muito apropriado, como foi visto), certos elos que, no mundo moderno são impedidos de se manifestarem, devido ao distanciamento imposto culturalmente. O papel das representações simbólicas, alimentadas pela divulgação massiva das questões ambientais nos tempos atuais, tem seu papel na configuração destes comportamentos, como bem descreveu Carvalho (2001),

mas há impulsos que independem e complementam essas questões culturais e, por razões óbvias, estão impedidos de se manifestar no mundo dito civilizado. Estes impulsos seriam provocados por comportamentos adaptativos do ser humano e podem ser eliciados em situações de contato com a natureza.

Uma vez que o modo de organização da sociedade contemporânea, que afasta o cidadão urbano dos seus semelhantes (somos sós, entre milhões) e da natureza, todas as possibilidades de re-contextualização das suas aptidões inatas, bem como a possibilidade do repensar os hábitos culturalmente adquiridos pelo indivíduo da sociedade brasileira, podem servir como agentes de re-Educação Ambiental. Envolve o que os especialistas insistem em chamar de reconstrução de "valores", incitando, naturalmente o estabelecimento de procedimentos e atitudes mais equilibradas na relação com o meio natural e sócio-cultural. **Trata-se da busca do afloramento dos comportamentos adaptativos que, embora ocultos, estão presentes nos indivíduos da sociedade tecnológica atual.**

Pelas suas características (contato com áreas naturais, colaboração entre membros de pequenos grupos no sentido de superarem adversidades comuns, contato físico, companheirismo etc.) o chamado Ecoturismo têm se mostrado um poderoso instrumento de resgate desses vínculos ancestrais. Além disso, oferece possibilidades de uma discussão sobre os comportamentos culturalmente arraigados e a necessidade de sua transformação sob uma ótica de sustentabilidade. O desenvolvimento de atividades especiais, que intensifiquem o contato ser humano x natureza, pode contribuir para o afloramento desses vínculos e uma mudança dos hábitos culturais que, canalizados corretamente, podem tornar-se úteis para os educadores ambientais que trabalham em instâncias formais ou informais.

Nas atividades de Ecoturismo pode-se “vivenciar a natureza tanto a partir do paradigma que supõe que o homem faz parte dela (respirar, alimentar-se e deslocar-se pelo mundo nos confirma essa afirmação), como o que considera todas as diferenças existentes entre os seres humanos e os não humanos (reconhecemos em nós diversas características que nos distingue dos outros animais). Vivenciar ao mesmo tempo dois

paradigmas supostamente opostos pode ser uma instigante experiência de aprofundamento da compreensão da realidade” (MENDONÇA & NEIMAN, 2003:82).

2. Entrevistas com os participantes das viagens ao PETAR

Numa tentativa de compreender melhor os fenômenos comportamentais observados ao longo das viagens, foram realizadas, além das 95 discussões *in loco* (uma para cada viagem, seguindo a mesma seqüência metodológica), entrevistas com os participantes, cerca de 10 dias após o regresso, de modo a verificar as opiniões pessoais sobre a mesma e as impressões remanescentes, passado o “entusiasmo natural” verificado durante a participação das atividades em campo. Dessas entrevistas presenciais participaram grupos de aproximadamente 10 pessoas.

Notou-se, em cada pequeno depoimento dessas entrevistas, alguns elementos importantes, mas o fato mais notável é o intenso elo afetivo que se estabeleceu entre os participantes das viagens e o PETAR. Vale lembrar que se passaram cerca de 10 dias entre as experiências da viagem e as entrevistas. No entanto, o tom e a ênfase com que cada participante defende seu ponto de vista, com forte componente preservacionista, dá a impressão que os depoimentos foram recolhidos no “calor” da atividade em si. E o mesmo vale dizer, embora esta percepção não esteja sistematizada, para participantes de viagens que ocorreram muitos anos antes. É comum manifestarem-se pessoas que foram ao PETAR há mais de dez anos e ainda comentam: “puxa, aquela viagem... Você não sabe como foi importante para mim...” ou “nunca mais esqueci aquelas cavernas!”.

O que marcou tanto essas pessoas? O que mudou na sua percepção sobre o ambiente, nos seus valores? Este estudo acredita que não é temerário afirmar que o contato com a natureza, **de modo intenso** como foi proporcionado pelas viagens ao PETAR, tenha importante papel nesse processo. Trata-se de um fenômeno que escapa ao senso comum do “amo a natureza”, decorrente da valorização cultural das questões ambientais que conhecemos no mundo contemporâneo. Intensificar a experiência através dos sentimentos parece ser estratégia eficaz para o afloramento do sentido de pertencimento ao mundo natural.

O Ecoturismo é um fenômeno complexo e multidisciplinar, onde muitos aspectos devem ser levados em conta a fim de que ele seja um empreendimento bem sucedido para todos os envolvidos (CEBALLOS-LASCURÁIN, 1995). Em diversos encontros nacionais e internacionais sobre o tema tem sido evidente o grau de distorção sobre o que vem a ser Ecoturismo, mas não há como se pensar em outro que não envolva três pontos básicos: planejamento sustentável, Educação Ambiental e inclusão social .

No que se refere à ligação direta do Ecoturismo com a Educação Ambiental, muitas ponderações se fazem necessárias. Basta colocar o indivíduo em contato com a natureza para estar educando-o?

Ao longo dos anos em que foram realizadas as viagens foi ficando cada vez mais evidente que a substituição das atividades centradas no raciocínio, na compreensão conceitual dos aspectos ambientais, por outras que estimularam as sensações e emoções atingiam mais eficazmente os objetivos de sensibilização e tornaram os depoimentos mais coerentes, previsíveis e apaixonados. A sinceridade com que as atitudes pró-ambiente foram aflorando, tanto durante como após as viagens, refletem a força que o contato intensificado com o meio natural possui para eliciá-las. Foram os sujeitos colocados diante de seus comportamentos adaptativos? Os participantes gostam cada vez com mais intensidade do lugar visitado quanto mais intenso for o contato “físico” e “psicológico” com ele? As representações sociais (culturais) de valoração da natureza ficam mais evidentes quanto mais próximo se está das sensações que ela provoca? Após a observação sistemática das transformações pelas quais passam os participantes destas experiências há, aparentemente, respostas positivas para cada uma dessas questões.

Guimelli (1994) defende que um grupo só vai sentir a necessidade de "reconstruir" a representação que forjou sobre determinado objeto, quando percebe que, se não o fizer, perderá o "controle" da situação, possibilitando o surgimento de novos eventos suscetíveis de ameaçar sua organização atual, colocando em risco a identidade e a coesão entre seus membros. Nesse caso, forçado pelas circunstâncias, o grupo vai, progressivamente, "adaptando" novas práticas às anteriores, o que não significa que o núcleo central de sua representação sobre o referido objeto seja, necessariamente,

transformado. Nas palavras de Guimelli (op. cit.), isso vai depender do grau de contradição que essas novas práticas estejam em relação às práticas antigas do indivíduo e/ou grupo, bem como da forma como as mudanças ocorridas são percebidas pelos sujeitos.

Assim sendo, é na desestruturação dos conceitos de “domínio sobre a natureza”, nos sentimentos contraditórios que os indivíduos estão experimentando (medo e fascínio simultaneamente) quando se percebem a mercê da mesma, que se abre a brecha para a mudança das representações e, quiçá, dos valores individuais acerca da sua relação com ela.

Em outros termos, quando os sujeitos entendem que as mudanças provocadas em seu ambiente "natural", em função de novas práticas, são irreversíveis, o processo de transformação das representações parece inevitável. Por outro lado, quando os sujeitos entendem que são mudanças passageiras, ou seja, é possível retornar às práticas antigas, após certo período, as representações são modificadas apenas superficialmente (GUIMELLI, op. cit.). Desta forma, **o apelo sensitivo e emocional de uma viagem deve ser o mais intenso possível, pois provocará, no indivíduo, a percepção do quanto ele perdeu em termos de experiências pessoais ao se encontrar afastado da natureza. Isso abalará sua convicção sobre a “naturalidade” do mundo culturalmente transformado no qual ele vive, e o quanto ele não o faz plenamente feliz. Está aqui a chave para a verdadeira re-Educação Ambiental.** O sujeito deve ter claro que práticas cotidianas de sua vida já não são suficientes para lhe garantir o mesmo prazer que sentiu na viagem, no contato com a natureza. Novas percepções, novos valores, re-elaboram as representações sociais que temos, mas, para que isto ocorra, elas têm que ter forte significado pessoal. Não é através da superficialidade das experiências que se mudam hábitos extremamente arraigados na sociedade tecnológica. Tem-se que ir ao íntimo do subconsciente humano, para encontrar lá seus verdadeiros anseios e ocultos sentimentos de ligação aos elementos naturais.

As pessoas têm encontrado no Ecoturismo uma oportunidade de experienciar situações que as aproximam dos chamados comportamentos adaptativos os quais se referem chamados ecólogos-comportamentais. Por acionar canais inconscientes pouco explorados pelo cotidiano das sociedades contemporâneas, essas situações acabam por provocar sensações de prazer e bem estar. Do ponto de vista psicológico, esta relação, bem como a sua contribuição para a Educação Ambiental, tem um forte componente instintivo, herança dos comportamentos adaptativos. Tal componente independe dos fatores culturais, surgidos da imensa visibilidade de que goza o tema ambiental na atualidade e/ou da influência que outras pessoas exercem sobre os indivíduos através do seu exemplo de vida.

São três os comportamentos adaptativos mais relevantes para elaboração da tese deste estudo. O desejo por deslocamento: outrora fundamental para garantir o encontro com o alimento, motiva hoje os seres humanos para a viagem; a íntima relação com a Natureza, indispensável para a percepção dos ritmos da comunidade ecológica na qual estava inserido, impulsiona hoje seu prazer em estabelecer contato; e o afeto e cooperação, características básicas que a garantiram a sobrevivência dos grupos humanos num ambiente hostil, hoje revela a sua satisfação em superar limites através da união de esforços. Essas são as três características mais gritantes da prática do Ecoturismo.

Como possibilidade de manifestação dos comportamentos adaptativos e re-elaboração do imaginário simbólico sobre a paisagem e a territorialidade, o Ecoturismo pode proporcionar nos seus praticantes a chamada “Descoberta Ecológica”, desde que seja conduzido de modo profissional e os agentes eliciadores das atitudes pró-ambiente possam estar presentes.

O Ecoturismo, entendido como instrumento de Educação Ambiental, pode contribuir para a construção de representações e significados no imaginário social e transformar a relação do ser humano com o ambiente. A percepção edênica dos destinos ecoturísticos, carregada de simbolismo, remete seus adeptos à busca de um ideal de paisagem onde a ética e a estética têm papel de destaque. Os vínculos com a localidade e

com as outras pessoas, renovados sobre uma outra perspectiva, passam a orientar as ações dos sujeitos.

O Ecoturismo, caso se proponha a atrelar o contato com a natureza ao pensamento simbólico, restaurar equilíbrios através do afloramento de atitudes adaptativos, e não fugir da responsabilidade de construir novos paradigmas a partir de uma nova perspectiva de pensamento, menos linear e mais sistêmico, poderá enfim, conquistar o sucesso tão almejado pelos educadores ambientais.

Referências Bibliográficas

- CARVALHO, I. C. M. *A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.
- CEBALLOS-LASCURÁIN, H. *O ecoturismo como um fenômeno mundial*. In: LINDBERG, K. & HAWKINS, D.E. *Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão*. São Paulo: Editora SENAC, 1995, p.23-29.
- GUIMELLI, C. *Transformação das representações sociais, novas práticas e esquemas cognitivos de base*. Trad. José Delfino S. L. Do original: GUIMELLI, Ch. *Transformation des représentations sociales, pratiques nouvelles et schèmes cognitifs de base*. In: C. GUIMELLI. *Structures et transformations des représentations sociales*. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1994, p.171-198.
- HANNIGAN, J. *Environmental Sociology*. London : Routledge, 1995.
- MENDONÇA, R., & NEIMAN, Z. *À sombra das árvores: transdisciplinaridade e educação ambiental em atividades extraclasse*. São Paulo: Chronos, 2003.
- WILSON, E.O. *Biophilia*. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

Formatado: Inglês (E.U.A.)